



A minha vida  
com meus  
pais  
Alienígenas

UMA OBRA DE:  
AMANDA PEREIRA  
&  
CAMILLE STORCH

Índice:

Capitulo 1	Pág. 02
Capitulo 2	Pág. 06
Capitulo 3	Pág. 10
Capitulo 4	Pág. 14
Capitulo 5	Pág. 19

## Capítulo 1

Eu era adotada, mas esse não era o verdadeiro problema. Nem o fato de meus pais serem alienígenas era o verdadeiro problema. Apesar de eu não conseguir ter a menor privacidade com pais *aliens* leitores de mente, o maior e gigantesco problema era que eles insistiam em me fazer comer brócolis em todo jantar!

- Claudia, você precisa comer os brócolis. – Mamãe falou e eu a encarei irritada.

- Não vou comer essa coisa verde! É nojento!

Meu pai me olhou, por debaixo do jornal em que ele lia, geralmente, as tirinhas.

- Não me leve a mal... – Papai parecia humano, mamãe também, eles tinham algum tipo de tecnologia alienígena para se parecerem humanos, mas a verdade é que papai era verde e mamãe, bom mamãe era literalmente metade vermelha, metade azul, mas o mais surpreendente era que ambos tinham um par de antenas que, às vezes, se mexiam sozinhas quando eles não estavam em seus disfarces humanos.

- Se você não comer os brócolis, vou pegar o seu Ipad. – Minha mãe ameaçou.

- Não me importo, eu ainda tenho a tela *alien*. – Falei, orgulhosa, sobre o computador que meu pai havia aperfeiçoado com tecnologia alienígena para que a internet funcionasse até mesmo sem sinal - era maravilhoso, era como se tivéssemos a nossa internet particular que nunca ficava desconectada.

- Claudia Marvanss, coma os brócolis, ou vou tirar o computador *alien* e toda a tecnologia dessa casa. – Minha mãe pressionou. – E sim, é completamente justo eu tirar a tecnologia e só eu usar, afinal, eu como os meus vegetais.

Suspirei. Brinquei um pouco com as enormes árvores verdes no meu prato, com o garfo, até meu pai me dar uma olhada novamente por debaixo do jornal, quando então coloquei a enorme árvore verde na boca e engoli. Realmente nojento.

Minha mãe riu da minha careta e meu pai até esboçou um sorriso com minha reação.

- Não é justo.

- Pronto, agora você também pode ter sua sobremesa favorita. – Mamãe sorriu, enquanto uma de suas outras “eu” trazia o enorme pote de sorvete de cookies, com a deliciosa cobertura de chocolate. Ah, sim, mamãe também tinha o poder de se multiplicar, sempre podendo fazer várias coisas ao mesmo tempo, ajudava bastante quando ela precisava me dar atenção, arrumar a casa, trabalhar e ainda ficar com o meu pai. Era bom e ao mesmo tempo horrível ter mais de uma mãe dentro de casa, não tinha um momento de privacidade.

- Sério?

- Claro, você é uma filha que merece, sempre nos obedecendo e nunca reclamando...

- Muito. – Corrigiu meu pai, dobrando o jornal e também com vontade de aproveitar o sorvete.

Dei um sorriso e me servi de uma enorme bola de sorvete, inundando-a de cobertura.

- Amanhã, adivinha o que vamos fazer? – Perguntou meu pai.

- Dormir até mais tarde? – Sugeriu.

- Não, seu tio Henry vai vir...

Suspirei e minha vontade de tomar sorvete simplesmente desapareceu.

- Que cara é essa? Pensei que gostasse do seu tio... – Meu pai insistiu.

- O problema é o que ele faz.

- Você não acha interessante, caçar vida inteligente em outro planeta?

Encarei minha mãe, que sorria. Não entendia o meu pai em relação a isso, querer realmente caçar vida alienígena quando ele mesmo era uma dessas vidas.

- Você e mamãe são a prova. – Comentei. – Você me falou que veio de Marte e mamãe é de Vênus...

- No sistema solar já está claro que existem outras vidas, mas eu quero saber fora do sistema solar. – Meu pai falou, animado. – Já imaginou?

- Não, eu nem ao menos sabia que dava para morar fora da Terra, até vocês me falarem! Até pouco tempo atrás eu achava que vocês eram daqui. – Reclamei.

Meus pais riram, eles eram os primeiros alienígenas que eu conhecia que queriam buscar vida fora da Terra. Eles eram vida inteligente fora da Terra. Meus pais conseguiam ser confusos, mais do que qualquer um.

- Bom, vá dormir e amanhã sairemos para descobrir novas vidas.

- Duvido que tio Henry continuaria procurando se soubesse a verdade.

- Claudia. – Minha mãe me alertou, ela insistia que não devíamos falar uma única palavra sobre o assunto.

- Tudo bem, mas vocês sabem que eu tenho razão. – Meus pais sorriram e eu acabei voltando minha atenção ao sorvete novamente.

Minha mãe fez o seu clone desaparecer assim que a campainha tocou no apartamento.

- É a vizinha. – Minha mãe logo falou antes mesmo de abrir a porta. – Consigo ouvir os pensamentos dela a quilômetros.

Dei uma risada. A vizinha era uma velha senhora que minha mãe dizia que era solitária e sempre aparecia na hora do jantar, fazendo as perguntas mais estranhas, como se ela soubesse a verdade sobre a minha família, mesmo assim, minha mãe insistia que devíamos tratá-la bem, afinal, a vida dela era incrivelmente solitária.

- Boa noite, senhora Macartek. – Minha mãe cumprimentou, com um sorriso.

- Boa noite, eu...

A mulher parou para observar o nosso apartamento, atrás de mamãe.

- Pode entrar, estamos tomando sorvete, quer um pouco?

- Não vou... – A mulher ainda tentava observar o que tinha por trás da minha mãe. – Vocês não estão com visitas? Sua irmã, por exemplo?

- Minha irmã? – Minha mãe fingiu parecer confusa e meu pai da mesa abriu um pequeno sorriso. Acho que no fundo ele sentia prazer em atormentar aquela pobre senhora.

- É eu podia jurar que eu vi...

- Viu? Como você viu?

A velha senhora de cabelos brancos logo ficou sem jeito. A senhora morava no apartamento que dava de frente para o nosso e ela passava maior parte do tempo nos observando da sua sala de estar. Sempre tentando achar alguma prova de que meus pais não eram humanos - era até divertido ver a

senhora ficar confusa toda vez que vinha em casa, mas mamãe não exagerava muito, não queria matar a pobre velha do coração, ela apenas achava que era um jeito de deixar a velhinha menos entediada dentro do seu apartamento, sozinha.

No final, a mulher de cabelos brancos passou pela minha mãe e entrou no nosso apartamento e começou a procurar pela suposta irmã da minha mãe, mas assim que olhou para o meu pai, seu rosto ficou pálido. Mais branco que a parede e eu revirei os olhos. Papai, por apenas um pequeno segundo, desligou o seu disfarce humano e mostrou sua identidade alienígena, que ficou à mostra - sua pele, antes morena, ficou verde como os brócolis e escorregadia como a superfície de um golfinho, suas antenas apareceram em seu rosto repuxado, balançando, sempre procurando pelos pensamentos das pessoas mais próximas e a boca carnuda havia se transformado em apenas uma linha aberta, mas a verdade é que foi quando ele sorriu, por um breve momento, mostrando seus dentes de tubarão e caninos de cobra, que fez a dona Marcartek quase cair para trás, só não caiu porque mamãe a segurou.

A aparência alienígena, para qualquer um, seria considerada aterrorizante, simplesmente porque humanos não entendiam, mas como eu havia crescido vendo aquela aparência do meu pai enquanto ele brincava comigo, nunca me importei. Sem contar que, para os padrões humanos, minha mãe podia ser um pouco mais assustadora.

- A senhora está bem? – Perguntei.

- Eu... Eu esqueci... – Ela nem terminou quando saiu correndo pela porta de entrada da casa, como se tivesse literalmente visto um fantasma, ou melhor um *alien*.

Mamãe encarou o papai, que ria baixinho, e eu mordi o lábio para não rir também.

- Sabe que ela vai ter um ataque se continuar assim. – Minha mãe o repreendeu.

- Ela é tão saudável quanto um touro e foi graças a você que ela sempre vem aqui. – Papai comentou, lembrando provavelmente do incidente que havia acontecido há alguns anos, quando minha mãe brincava comigo em sua verdadeira forma e esqueceu, quando foi atender a porta, de ligar seu disfarce humano.

- Já faz sete anos e você continua a lembrar disso.

Papai simplesmente voltou a ler seu jornal e não falou mais uma palavra, colocando um pouco do sorvete na boca.

- E você, mocinha, vá escovar os dentes e dormir. – Minha mãe falou.

- Mas amanhã é domingo, não posso ficar até mais tarde para trabalhar na câmera um pouco?

Estava aprimorando a câmera que minha mãe havia me dado com algumas tecnologias que meus pais haviam trazido dos seus planetas. Tecnologia ultra avançada e assim eu poderia fazer qualquer pessoa que fosse filmada parecer uma verdadeira estrela, que sabia fazer tudo, desde atuar até cantar, mesmo que ela fosse uma péssima atriz ou cantora. As pessoas poderiam parecer até um músico profissional – elas poderiam ser qualquer coisa, com aquela câmera. Seria como os disfarces dos meus pais, mas além da imagem diferenciada, sons e cenários seriam transformados para a percepção de todos.

- Tudo bem, uma hora. – Minha mãe decidiu. – Mas nada de testar sons hoje.

- Não entendo por que continua a trabalhar naquela câmera, você é uma música talentosa... – Meu pai comentou. – Por que não coloca vídeos normais na internet, como as meninas da sua idade fazem? Claro que com a nossa aprovação.

- Quero que todo mundo possa ser um artista de Hollywood. – Falei, animada.

- Só não se esqueça...

- Sim, eu sei, amanhã à noite eu vou cantar na conferência. – Levantei-me da mesa e corri para o meu quarto, para trabalhar com a pequena câmera que meus pais haviam me dado.

Uma grande vantagem de ter pais alienígenas era que eles me disponibilizam ótima tecnologia, sem contar as mais variadas músicas dos seus planetas - as vozes das cantoras venusianas eram maravilhosas, um canto de sereia, fazendo qualquer cantora terrestre parecer uma amadora. Principalmente eu, que meu pai insistia em fazer cantar, todo ano, na conferência.

## Capítulo 2

Na manhã seguinte, como quase todo domingo, tio Henry chegou em casa quase antes do sol nascer com suas tranqueiras para caçar alienígenas. Mamãe, obviamente, não se levantou da cama e papai, bom, papai estava pronto para caçar alienígenas, mesmo sendo um deles. Não conseguia entender, papai era um *alien* e sabia que nem todas as tranqueiras do tio Henry conseguiriam mostrar que tinha um alienígena bem ao seu lado.

- Está pronto, Fernando?

- Sempre. E você, Claudia?

- Eu realmente tenho que ir? – Parei entre o corredor e a sala de estar.

- Claro! – Tio Henry agachou-se ao meu lado, passou suas mãos pelos meus ombros e ficou encarando o teto. – Você já imaginou achar vida em outros planetas, como em Marte?

Quase engasguei com minha própria saliva e encarei papai, que agia como se o assunto não fosse com ele.

- Vamos, Clau, vai ser divertido...

Suspirei, não achava nem um pouco divertido ir no meio do Central Park e começar a usar um monte de ferro velho em busca de vida inteligente em outro planeta, principalmente quando eu vivia com dois. Era absurdo e totalmente irracional. Meu pai, com toda a tecnologia alienígena e até mesmo vivendo em um outro planeta que não era o seu, que tem vida, ele ainda buscava vida fora do sistema solar, mas ele sabia que não acharíamos nada com aquelas velharias do tio Henry.

- Tá bom, vou por uma roupa. – Falei por fim e tio Henry abriu um sorriso.

- Esse é o espírito garota, vamos caçar *aliens*!

Fui ao meu quarto, mudei de roupa e acabei saindo com meu pai e tio Henry. Fomos ao Central Park que, não surpreendentemente, estava vazio àquela hora da manhã, naquela temperatura gelada. Estávamos próximos do Natal e, mesmo assim, papai estava mais preocupado em caçar a própria espécie, ou espécies semelhantes, do que comprar presentes natalinos.

- Venha, ajude-nos a construir o nosso visor, Clau. – Tio Henry insistiu.

- Por quê?

- Porque você é a melhor para conseguir fazer isso, a melhor para construir e desconstruir coisas, ou esqueceu da mágica que fez no ano passado, no meu computador?

Revirei os olhos, tio Henry falava isso de mim, mas todas essas habilidades eu havia aprendido com meu pai, ele sim, o verdadeiro gênio - ele apenas me deixava ficar com o crédito.

Comecei a montar o binóculo, com um suposto radar, que apenas apitava a cada movimento estranho e por fim acabei montando o seu detector de metais, que ele chamava de detector alienígena, que jamais acharia um único *alien*, nem mesmo o que estava bem ao seu lado.

- Por que simplesmente não fala para ele? – Comentei, com meu pai, enquanto tio Henry ia para o outro lado do parque para colocar os 'rastreadores' aliens; de duas uma, ou ele acreditava que *aliens* estavam na Terra, ou pensava que estariam sobrevoando o céu, mas ele ficava tão perdido em sua caça que nem ao menos sabia por onde procurar.

- Não posso e eu ainda quero achar vida...

- Use sua tecnologia mais avançada.

- Claudia, vamos ajudar o seu tio antes que ele caia. – Meu pai falou, ao ver tio Henry começar a escalar uma das árvores - e depois eu é que era a criança.

Não conseguia entender o porquê de eu ainda deixar meu tio e meu pai me convencerem a ir com eles naquelas confusões. Suspirei.

Antes mesmo de conseguirmos chegar a tempo, tio Henry caiu de bumbum no chão. Não resisti e comecei a rir, principalmente porque ele tentou sair do arbusto sobre o qual havia caído e ficou ainda mais enrolado e preso entre os galhos.

- Vocês vão ficar rindo ou me ajudar?

Nos apressamos em sua direção e o tiramos dos arbustos - o aparelho então começou a apitar, fazendo tio Henry, e até mesmo papai, correrem para olhar. Nunca iria entender a animação de papai com aquilo, talvez ele ficasse animado pelo amigo e vizinho. Tio Henry, do apartamento ao lado, era o único amigo humano de papai e de mamãe, mesmo ele sendo um caçador de alienígenas. Uma probabilidade minúscula disso acontecer, um caçador de *aliens* viver ao lado de dois alienígenas.

- Olha, está detectando... – Henry encarava o pequeno monitor, que, teoricamente, estava conectado com algum satélite no espaço. – Segundo as coordenadas, o sinal está vindo de Plutão... Venha, Rick, vamos tentar nos comunicar.

Encarei meu pai, que junto com Tio Henry, começou a digitar no pequeno teclado ao lado do visor, que provavelmente havia apenas detectado algum metal por perto. Apenas tio Henry para pensar que um visor com detector de metal iria ajudar, de alguma maneira, a achar vida inteligente em outro planeta.

Depois de ficarmos quase cinco horas no parque, finalmente tio Henry, que procurava também por objetos alienígenas no parque, começou a deistir. Não sei porque ele achava que, por alguma razão, *aliens* invadiriam a Terra pelo parque...

Espera, meu pai estava lá, então talvez fosse possível, mesmo assim, já estava ficando cansativo ver tio Henry procurar por alienígenas, com um *alien* bem ao seu lado. Talvez o verdadeiro motivo do meu pai o ajudar era porque isso o divertia: deixar um caçador tão perto, assim como atormentar a velhinha que morava na nossa frente.

No final, voltamos para o nosso apartamento para almoçar, com um tio Henry extremamente decepcionado, como todo domingo. Ele sempre ficava assim, triste por não ter encontrado uma única prova. Tinha domingos que mamãe vinha me pegar para voltar para casa, enquanto ele e papai ficavam até tarde da noite caçando *aliens*.

- Não fique tão deprimido, Henry. – Mamãe falou, com um sorriso no rosto. – Semana que vem é uma outra oportunidade.

Tio Henry concordou, com um aceno de cabeça, enquanto sentava-se no sofá, completamente derrotado. Já meu pai foi até a cozinha preparar seu famoso bolo de carne e minha mãe foi ajudá-lo a cozinhar seu acompanhamento favorito: legumes gratinados. Eu peguei a minha câmera com tecnologia alienígena e comecei a trabalhar no meu projeto, na pequena mesa de centro da sala.

- O que você está fazendo? – Meu tio perguntou, curioso.

- Uma câmera através da qual qualquer pessoa que for gravada será transformada na sua melhor versão, no melhor que ela pode ser, em qualquer



atividade... – Expliquei, animada. – Por exemplo, se eu o gravar aqui assim... – Apertei o botão para gravar. – E depois parar, posso escolher onde vai estar, com que expressão, se você vai estar dançando, cantando e até qual é o tom que você vai usar. – Mostrei para tio Henry que pareceu maravilhado ao ver sua imagem na pequena tela passar de um sorriso triste para o de uma verdadeira alegria. Como um ótimo ator. – O único problema é que não estou conseguindo juntar todas as funções, se coloco alegre, não consigo colocar o fundo, ou colocar você cantando, é uma coisa ou outra...

- Já tentou usar “salvar” uma coisa em cima da outra? – Perguntou tio Henry e abriu os olhos, como se finalmente tivesse entendido onde estava o erro.

- Aonde você vai? – Minha mãe perguntou, quando corri para o quarto e peguei a memória do meu computador ultra *alien*.

- Se eu colocar mais memória e cada função tiver sua única memória, talvez eu consiga. – Falei, muito animada. – Obrigada, tio! – Meu tio Henry sorriu, enquanto eu tentava colocar mais memórias no meu aparelho. – Mamãe, talvez eu precise de mais memória...

- Sim, sim, mas agora você vai deixar suas coisas aí e vamos almoçar. – Fiz biquinho. – Nem pense, Claudia, comida, depois tecnologia.

Suspirei, meus pais falavam que a comida terrestre era a melhor comida de todos os planetas, mas, sinceramente, não conseguia ver nada de especial, principalmente os legumes que eles me forçavam a comer, sempre dizendo: “segundo especialistas aqui na Terra, isso é importante para o desenvolvimento humano”. Eles nem sabiam sobre valores nutricionais, pelo que entendi, em nenhum outro planeta eles precisavam se preocupar, seus organismos absorviam nutriente de qualquer coisa, até mesmo de pedra.

Começamos a almoçar, e titio e papai ficaram conversando sobre aprimorar as coisas para a caça alienígena, já eu e mamãe nos surpreendíamos com os assuntos que eles conseguiam levantar, mas eu ficava ainda mais chocada com papai sugerindo coisas absurdas, sendo que ele era uma das criaturas que tio Henry gostaria de capturar. Era como se papai quisesse se auto capturar.

- Bom, eu vou ter que ir. Hoje, infelizmente, ainda tenho algumas coisas para terminar do trabalho. – Lembrou tio Henry, depois de comer. – Estava deliciosa a comida, como sempre, Thereza, Rick.

O homem deu um breve sorriso, me deu um abraço de despedida e saiu pela porta.

Quando comecei a correr em direção à minha câmera, mamãe me parou.

- Nem pense, hoje você tem que se arrumar para a conferência.

- Mas...

- Sua mãe tem razão, sabe como isso é importante.

- Por que é importante? – Perguntei. – Todo ano é a mesma coisa, vocês se fecham em uma sala com seus amigos, enquanto eu fico com algumas crianças do lado de fora e no final eu canto para todos...

- Justamente porque você canta.

- Mas...

- Claudia, isso não está em discussão, tome um banho, coloque sua roupa e vamos. Você tinha que ficar feliz, você todo ano é a atração principal.

- Você deveria cantar, mamãe, afinal venusianas cantam muito melhor do que eu.

Minha mãe me encarou em choque e me puxou para perto de si, olhando-me diretamente nos olhos.

- De onde você tirou essa ideia absurda?

- Eu escutei...

- Sua voz é maravilhosa, Claudia. – Minha mãe afirmou. – Mais bela que qualquer outra. Foi por isso que começou a se desligar da música? Quer desistir das aulas de canto e piano?

Assenti, timidamente, com a cabeça.

- Não se compare com os outros, principalmente com venusianas, elas são uma enganação. – Meu pai interveio.

- Ei! – Minha mãe brigou.

- É verdade, você se esqueceu do nosso primeiro encontro?

Minha mãe suspirou e cedeu.

- Venusianas usam seu charme para conseguir o que querem, mas depois dispensam ou matam quando não precisam mais de você, assim como o paralelo no mundo humano, com as viúvas negras. – Papai tentou explicar e encarei mamãe, em choque. – Bom, sua mãe resolveu casar com um marciano.

- Tão teimoso que não consegue ser enganado. – Minha mãe falou, frustrada. – Basicamente, marcianos são imunes às venusianas, por isso, muitas se casam com marcianos; todas tentam, como aposta, dobrá-los às suas vontades, mas no final... Bom, no final você viu o que acontece.

Dei uma breve risada.

- Mas é você que manda na casa. – Falei para mamãe.

- Claro que é, seu pai não é louco de discordar de mim, mas ele não fica hipnotizado como o resto da galáxia, perdendo a capacidade de se comunicar. Um cérebro hipnotizado é o mesmo que ouvir moscas o dia inteiro, é irritante. – Minha mãe explicou. – Bom, voltando aonde nós queremos chegar, é que a sua voz e suas músicas são feitas por amor, não por interesse e isso é o mais importante, principalmente com a voz que você tem.

Sorri e abracei mamãe.

- E eu não ganho? – Papai reclamou e eu pulei em cima dele, dando-lhe um beijo.

- Vou me arrumar.

Saí correndo e fui para o meu quarto. Dessa vez iria mais animada e cantaria para que todos os alienígenas naquela convenção não tivessem dúvidas de que eu era a melhor - sem contar a mais feliz por ter os melhores pais do universo. Eu realmente tinha muita sorte de ter pais alienígenas, tirando o fato deles me obrigarem a comer brócolis... e, obviamente, lerem a minha mente.

### Capítulo 3

Ao chegar no local da conferência, um enorme hotel no centro da cidade, este, como sempre, estava recheado de pessoas, ou melhor, alienígenas, nenhum com suas aparências originais, mesmo assim, dava para saber quem eram os *aliens* apenas pela forma como eles andavam, sempre imponentes e de peito estufado, orgulhosos e cheios de si.

Por algum motivo, qualquer outro ser vivo que existisse fora da Terra, raramente conhecia algo como desconforto ou vergonha, talvez pelo fato de todos conseguirem ler os pensamentos uns dos outros - até minha mãe, que vive falando que tem maneira de bloquear o leitor, só que não sabe como - ela dá essa desculpa.

Logo que entrei, fiquei no canto, nunca conseguia me enturmar muito com as crianças alienígenas, elas falavam entre si por pensamentos e como, obviamente, eu não conseguir ler pensamentos, sempre ficava de escanteio, esperando minha vez de subir no palco.

- Por que não conseguimos ler os seus pensamentos? - Um garoto finalmente me abordou, ele era um pouco mais baixo do que eu e usava um pequeno terno preto. Não conseguia saber de que planeta ele era - assim como todos os *aliens*, ele usava o mesmo disfarce que meus pais usavam.

- O quê...? - Fiquei um pouco surpresa com a pergunta.

- Seus pensamentos, não consigo lê-los. - O menino repetiu a pergunta.

- Não sei. - Dei de ombros, lembrando do que meus pais haviam me falado sobre eu falar para os *aliens* sobre eu ser humana, não deveria falar para ninguém sobre minha verdadeira identidade, afinal, seres alienígenas não deveriam ter filhos humanos.

- Seus pais te contaram segredos da reunião? - O menino perguntou, curioso.

- Não...

- Claro que contaram, senão eles não teriam bloqueado a sua mente. - O menino de cabeça raspada e olhos pretos me encarou, muito curioso. - Me fala, quando eles planejam a invasão?

- Que invasão? - Perguntei, um pouco surpresa.

- A invasão da Terra, meus pais falaram que a invasão será em breve, estou realmente animado.

Fiquei em choque. Precisava falar com meus pais, eles nunca fariam tal coisa, jamais atacariam humanos e destruiriam a Terra. Não era possível. Deixei o menino baixinho falando sozinho e corri para a sala de conferência, só para ser barrada por dois seguranças enormes, que me seguraram.

- Me solta! Tenho que falar com meus pais! - Gritei, me debatendo nos braços desses grandões... *Aliens*, tinha que me acostumar com a diferença.

- Garotinha, seus pais estão ocupados agora, eles logo...

- ME LARGA! - Berrei. - EU TENHO...

- Ei! Soltem ela. - De repente, parei. Assim como todos naquele lugar, que ficaram completamente surpresos, não, ficaram totalmente paralisados com o choque. Tio Henry estava no lobby do hotel no meio de uma conferência alienígena. - Eu mandei soltar a menina!

Tio Henry me tirou dos braços dos grandes seguranças e se colocou na minha frente.

- Onde estão seus pais...

Não tive tempo nem mesmo de ouvir o restante da pergunta, vi os dois alienígenas se encarando, como se tivessem conversando entre si, sabia que alguma coisa estava muito errada e foi quando ambos seguraram tio Henry pelos braços.

- Ei, me larguem!

- Soltem meu tio! – Gritei.

- Saia daqui garotinha. – Fui empurrada pelo enorme homem careca e caí no chão.

- Que ideia...

Foi quando os adultos *aliens* começaram a sair da sala de conferencia para entender toda a confusão. Meus pais apareceram, me viram caída no chão e correram para me ajudar.

- Henry? – Meu pai ficou chocado ao ver o amigo sendo segurado por outros *aliens*.

- Ricky? O que está acontecendo?

- Essa pergunta é minha. – Meu pai interveio e foi para uma mulher alta e esbelta, acompanhada por um homem baixo e rechonchudo, ambos observando toda confusão, como se tivessem nojo de olhar para tio Henry. – O que está acontecendo Enrieta?

- Baixe os escudos. – O homem baixo falou para o meu pai, enquanto minha mãe se colocava na minha frente.

- Não vou baixar meus escudos. – Meu pai olhava diretamente para a mulher. – Por que ele está aqui, mereço uma explicação!

Todos olhavam a cena incrivelmente chocados e eu segurei a mão da minha mãe ainda mais forte, assustada, não conseguia entender o que estava havendo, mas conseguia compreender que não era uma coisa muito boa.

- Levem a menina também. – O homem falou.

- Ninguém vai tocar nela! – Minha mãe, que parecia calma começou a se transformar, seu disfarce começou a se distorcer e mostrar a verdadeira face de minha mãe. Ao invés de um rosto parecido com o meu, suas feições ficaram achatadas, seus grandes olhos castanhos iguais aos meus ficaram vazios e sem qualquer cor, apenas buracos negros, sua boca bem detalhada desaparecia, dando espaço a dentes afiados, já seu nariz desaparecia de seu rosto, dando espaço em seu pescoço para o que os peixes tinham, tinha quase certeza que o nome era “branqueias”, mas não tinha certeza, sem contar que mamãe conseguia puxar ar e respirar debaixo d’água, igual a um golfinho, já seu esbelto corpo começou a dar literalmente voltas nele mesmo, parecendo até uma mola, do pescoço aos pés; mamãe definitivamente não era bonita para os padrões humanos, mas era considerada uma beldade para qualquer ser vivo fora da Terra. Parecia que quanto mais curvas uma veneziana tinha, mais bonita ela era e mamãe, bom, mamãe tinha muitas.

Tio Henry, de repente, conseguiu soltar-se dos seguranças e ficou nos encarando com um olhar de peixe morto.

- Você... Thereza... – Henry não sabia o que falar e, sinceramente, seria uma cena divertida se a situação não fosse tão tensa. – Você é o quê, vermelho, com antenas de cara amassada, Ricky? – Tive de morder os lábios para uma risada não sair, ele havia adivinhado a estrutura do meu pai, o que era impressionante. – Só falta me dizer que todos aqui são *aliens* e estão aqui para resolver o melhor jeito de invadir a Terra.

A mulher esbelta fez um sinal com a cabeça e de repente um segurança socou tio Henry que caiu no chão, com a língua de fora, sem nenhuma consciência. Não sabia que alguém realmente podia cair no chão com apenas um soco e ainda ter tal expressão, tão tranquila e tão apavorada ao mesmo tempo.

- Você contou o nosso plano para um humano? – O homem gordo perguntou para o meu pai.

- Então é verdade vocês vão invadir a Terra?

- Agora não, Claudia.

- Como não? – Falei, irritada, me soltando de minha mãe. – Então por que...

Antes de eu terminar de falar minha mãe tapou minha boca.

- Peguem a criança.

- Já falei que ninguém vai tocar na minha filha. – Minha mãe falou com mais firmeza e conseguia ver meu pai se colocando em frente da minha mãe também.

- Sua... Filha? – Dessa vez, a mulher esbelta falou, surpresa.

Ninguém falou mais uma palavra, todos me encaravam e a mulher esbelta fez um gesto com a cabeça - os seguranças pegaram tio Henry e encarei mamãe, que apenas continuava a me segurar com força.

- Levem a menina para a reunião, será a apresentação dela em breve. – O homem gordo falou e minha mãe assentiu; meu pai colocou suas mãos sobre os ombros da minha mãe, que voltou a entrar na grande sala de conferencia.

De repente, quando a porta se fechou, todos os *aliens* que se pareciam com humanos, ficaram sem os seus disfarces e fiquei realmente curiosa com a aparência de todos, a maioria obviamente, era parecida com minha mãe e meu pai, mas havia alguns que, mesmo com caras confusas, pareciam gatos gigantes de duas patas - eles pareciam tão fofos e apertáveis que por um momento tive que lembrar que a situação era tensa.

- Fofa. – Falei ao ver a esbelta mulher ficar com a aparência de um gato gigante com pelo dourado, que mais parecia uma juba e o homem rechonchudo parecia mais um Pug do que um *alien* como papai e mamãe, a única diferença era que seu rosto era azul e seu pelo verde. Os dois me encararam furiosos, bom, pelo menos pensei que estariam por estarem me encarando, mas não poderia realmente afirmar, afinal, o homem Pug parecia estar sorrindo, exatamente como um verdadeiro Pug.

A mulher gato apenas virou-se e voltou para dentro da grande sala e todos os outros *aliens* começaram a acompanhá-la, enquanto minha mãe e meu pai continuaram a me guiar para dentro da sala junto com eles.

Nos sentamos em frente ao palco e percebi que a mulher gato e o homem Pug ficaram nos encarando, enquanto subiam ao palco, sem ainda dizer uma única palavra, ou melhor, uma única palavra que eu conseguisse escutar, entretanto, todo mundo naquele lugar concordava com a cabeça ou simplesmente assentia, como se eles falassem alguma coisa.

- O que está...

- Você, suba e cante. – De repente, um segurança apareceu atrás de mim e deu um tapa no meu ombro que quase me fez cair da cadeira - minha mãe grunhiu e fez meu pai segurar a mão do segurança, ambos se encararem.

- Vou te colocar no palco, querida. – Minha mãe falou para mim. – Não tenha medo e faça o seu melhor.

- Tio Henry?
- Já vamos resolver a situação.

Apenas assenti e papai virou-se para me ajudar a subir no palco; comecei a andar até ficar no centro e aos poucos comecei a ficar nervosa, mais nervosa do que normalmente eu ficava. Encarava o chão e quando finalmente me virei e encarei a enorme plateia de *aliens* fiquei ainda mais assustada ao ver os inúmeros *aliens*, parecidos com minha mãe, ou com o Pug ou gatos. Tinham de todas as cores esperando para que eu falasse, ou melhor cantasse alguma coisa, encarei por fim meus pais que me olhavam cheios de preocupação.

Comecei a cantar. Minha voz estava trêmula, quando alguém gritou:

- Você chama isso de cantar?!
- E você se chama de invasor? – Meu pai rebateu ao *alien*, que tinha olhos de tigre, focinho de porco e boca de jacaré.
- O quê...
- Isso mesmo, seu monte...

Aos poucos, uma briga começou a se instalar comecei a ver insultos começarem a ecoar, cadeiras começarem a voar, pessoas começarem a pular como se estivessemos em um filme de super-herói de câmera lenta, uns acertando os outros, enquanto quem lia os pensamentos com mais rapidez, simplesmente desviava deixando o outro mais cansado.

Papai desviava do focinho de porco, que a todo custo tentava dar um soco no rosto de papai. Já mamãe ficava pulando de um lado para o outro, lutando com uma mulher baixa e gorda, que lembrava um sapo, com sua pele lisa e verde. A mulher, mesmo pesada, não parecia cansada. Foi quando minha mãe saltou e papai deu um soco na mulher, e mamãe chutou o homem do jacaré.

- Nunca aceite um... – Mamãe ia começar a dar um discurso para mim quando se virou para o palco, foi quando viu um dos seguranças repentinamente me puxar para longe. – Claudia!

- Levem-na com o outro humano. – O homem Pug falou no palco, e quando mamãe e papai foram tentar me pegar, outros *aliens* os seguraram, impedindo-os de correr atrás de mim.

- Mamãe! Papai! – Gritei, tentando me soltar.
- Não se preocupe, vamos achá-la! – Mamãe gritou.

Eles desapareceram do meu campo de visão quando fui levada para trás do palco e um saco foi colocado sobre meu rosto. Estava assustada e tudo que eu queria era voltar para casa e ficar com papai e mamãe, lendo para mim. No final, não deveríamos ter vindo. Sabia que essas conferências eram chatas.

## Capitulo 4

- NÃO! – Ouvi um grito e antes que um frio percorresse minha espinha o saco da minha cabeça foi tirado e fiquei em choque ao ver tio Henry preso a uma banheira recheada de... Suco de uva? – Claudia? – Ele finalmente me notou quando estava no meio do seu banho e eu fui amarrada em uma banheira exatamente ao seu lado - por algum motivo, estávamos em um lugar com várias banheiras brancas e bem limpas.

- Tio?

Aos poucos, os bandidos que me levaram para um banheiro, aquilo definitivamente parecia um banheiro com chão de ladrilho, o único diferencial era que tinha uma quantidade exagerada de banheiras, pelo menos 10. Parecia um banheiro gigante.

- Finja que sinta dor. – Meu tio falou. – Eles acham que suco de uva nos faz mal.

- O quê? – Perguntei e logo vi minha banheira começar a encher e vi realmente suco de uva sair pela torneira. Ia manchar toda minha roupa, mamãe não ia gostar nada disso. – Eu não posso molhar o vestido...

Tentei me levantar, mas a corda que me prendia na banheira estava um pouco apertada.

- Tio, nós temos que sair daqui...

- Por quê? Você também é um deles... – Titio parecia um garotinho, tão infantil.

- Eu sou humana! – Gritei furiosa. – E eles são meus pais!

Tio Henry me encarou.

- Papai adora sair com você e mamãe sempre faz a melhor comida para você todo domingo, como pode ficar afundado em uma banheira, enquanto a filha deles vai manchar o vestido?

Titio, depois de alguns minutos ainda ofendido com toda a situação, finalmente me encarou e começou a morder a corda na qual estava amarrado, mesmo assim, a banheira começava a molhar a barra do meu vestido e eu não podia simplesmente deixar aquilo acontecer, não com minha câmera poderosa, que eu usava para trabalhar, ainda no meu bolso. Eu havia feito tantas coisas incríveis com aquela câmera.

No momento em que iria ficar afundada, tio Henry me triou da banheira, mas antes de falar qualquer coisa, a porta de correr se abriu e os dois seguranças entraram no banheiro. Quando eles vieram para nos pegar, de repente, os dois homens caíram no chão e, para minha surpresa total, vi a velha senhora e minha vizinha, a senhora Macartek.

- Senhora...

- Pode me chamar de Babirtzavarkys.

- O quê...? – Eu e tio Henry nos olhamos confusos ao ver a mulher, antes cheia de curvas, agora totalmente reta e com seus cabelos brancos, geralmente bagunçados, agora bem arrumados. Os seus vestidos de flores, velhos, usados diariamente e que a faziam parecer ainda mais velha, agora eram apenas um vestido, bem ajustado a seu corpo fazendo-a parecer 20 anos mais nova do que antes.

- Podem me chamar de Babi, sempre esqueço que humanos tem certa dificuldade em pronunciar meu nome. – A mulher realmente parecia irritada. – Vamos sair daqui...

- Meus pais?  
A mulher deu uma leve bufada.

- Seus pais sempre dão trabalho. – A minha vizinha falou, frustrada. – Vamos pegá-los e sair daqui. Eu nunca vou entender os seus pais.

- Por quê? – Perguntei.

- Eles são *aliens* e preferem humanos, mas isso não é o estranho, o estranho é eles continuarem a vir nessa conferência. Que seja, vamos pegá-los.

Por um momento evitei andar e Babi e tio Henry me encararam, não entendendo o motivo de eu não querer sair daquele banheiro gigante, de suposta tortura.

- Por que você não está andando? – A ex-mulher velha perguntou.

- Porque papai e mamãe vão invadir a Terra...

- O quê?

- Eles querem...

- Seus pais iam invadir a Terra. – Babi falou. – Passado, eles jamais fariam isso, não depois que resolveram criar você.

- Eles só querem ficar com uma aparência humana e estão me usando...

Babi me encarou por um breve momento e antes que eu pudesse entender o que estava acontecendo ela me deu um peteleco na minha testa.

- Escute aqui, eu nunca vi pais, humanos ou *aliens*, mais dedicados do que os seus e eu os observo por anos, eles não fazem nada além de atender às suas vontades, garota mimada. Agora, vamos pegar os seus pais e você vai perguntar para eles o motivo de eles continuarem a vir aqui.

- A senhora... – Tio Henry não terminou o nome quando Babi o encarou, irritada. – O que a Babi falou está certo, mesmo que seus pais sejam dois mentirosos a respeito de quem eles são, não dá para fingir o amor que eles sentem por você. Os caras alugaram um estúdio de música para você...

Não falei mais uma palavra, apenas assenti e continuei a seguir os dois. Fiquei surpresa ao perceber que estávamos dentro de um grande quarto de hotel, onde havia Pugs gigantes e gatos gigantes, não leões, mas gatos - porque os rostos não eram muito grandes - deitados no chão como se estivessem desmaiados.

- Não se preocupe, eles apenas acordarão de ressaca...

- O que é ressaca? – Perguntei.

- Isso quer dizer que eles vão ter uma baita dor de cabeça amanhã de manhã. – Tio Henry explicou, colocando a mão sobre meus ombros e me guiando para a saída do grande quarto de hotel, decorado com uma enorme cama e uma bela vista para a cidade de Nova York - dava para ver quase a cidade toda de lá. *Aliens* realmente sabiam viver, eu sabia disso, mamãe e papai mesmo vivendo em um típico apartamento nova yorkino, apertadinho, sempre compravam as melhores coisas nas lojas, as mais caras e as mais bonitas, acho que *aliens* não conheciam o conceito de valor muito bem, aprendi a ter um pouco indo para a escola e ouvindo os adultos de lá: professores e os pais dos meus amigos.

Começamos a andar pelos grandes corredores do hotel e Babi nos fez andar contra a parede e correr como se fôssemos espiões, evitando as câmeras dos corredores, de início foi divertido, mas quando finalmente chegamos nas escadas e vi que estávamos no último andar, 39º andar, e tínhamos que descer todos os andares miei.

- São 39 andares.



- Não tinha reparado. – Babi falou irritada.

- Mas...

- Venha Clauclau, eu te carregado um andar, você anda um. – Tio Henry me colocou em suas costas e eu sorri.

- EBA! – Pulei nas costas do meu tio, que sorriu e Babi revirou os olhos.

- Vocês sabem que a gente está em uma missão secre... – Antes de Babi terminar de falar um homem enorme de cabelos compridos, longa barba e bermudas e camiseta larga apareceu na escadaria e repentinamente começou a gritar. Em seguida, tio Henry começou a gritar, logo depois, eu berrei e, na sequência, Babi deu um soco no homem, que era o o triplo do seu tamanho, e ele caiu rolando as escadas.

- Você o matou. – Meu tio acusou.

- Eu não...

- Você o matou na frente de uma criança, como você pôde?

De repente, ouvimos um enorme ronco vindo das escadarias abaixo e logo olhamos na direção do homem que tinha suas costas apoiadas na parede, sua mão sobre sua enorme barriga, parecendo mais um urso dorminhoco do que uma pessoa.

- Eu falei que eu não o tinha matado. – A vizinha deu um soco no braço de tio Henry que quase me derrubou de cima das suas costas. – Idiota.

- E como eu iria saber? – Tio Henry ficou indignado e Babi bufou.

- Podemos ir? – Perguntei, interrompendo a briga dos dois. – Ele não era perigoso.

Os dois pareceram lembrar-se onde estavam e começamos a descer as escadas, pulando sobre o gigantesco homem que dormia e roncava, fiquei encarando-o um pouco, olhando para trás enquanto tio Henry me carregava em suas costas.

- Ele não está...

- Eu sei. – Interrompi minha vizinha, que sempre tentava provar que meus pais eram *aliens* e agora estava aqui me ajudando como se soubesse de tudo. – Mas ele não é...?

- Um *alien*, não, por Saturno não, apenas um humano.

- E como... – Quando ia fazer minha pergunta, a porta do andar em que estávamos abriu-se e gritos, meus, de tio Henry e até de Baby começaram a ecoar pelas escadas, até eu acabar caindo das costas de tio Henry que, em pânico, simplesmente socou a mulher que passou pela porta e a mulher, de jeans, rolou pela escadaria exatamente como o homem alguns andares acima.

- Você matou uma mulher. – Foi a vez de Babi acusar meu tio. – Como você pôde?

- Eu... eu... – Tio Henry gagueja. – Eu não a matei, eu apenas me assustei e...

- Ela é uma mulher...

- E o cara que você matou era um homem.

- Jura? Espera, eu não o matei...

Encarava os dois discutindo sobre quem tinha mais razão, até a mulher de repente gemer.

- Viu, eu não a matei.

- Mas bateu nela. – A nossa vizinha voltou a acusá-lo.

- E você bateu nele.

- Isso não vem ao caso.

- Tio Henry... Babi... – Tentei chamar os dois. – Tio... Babi...

Os dois continuavam discutindo, até eu puxar o braço dos dois.

- O quê?! – Os dois perguntaram frustrados ao mesmo tempo.

- Tem um Pug e um gato pelado nos encarando, isso é mal?

Os dois viraram-se e viram o gato e o cachorro nos encarando, ambos parecendo incrivelmente inocentes: enquanto o gato lambia a pata, o cachorro fungava.

- Mer...

- Não é para usar palavras feias na frente de uma criança. – Tio Henry repreendeu a mulher.

- Mas tudo bem bater em uma mulher?

- Não...

- Querem parar e correr?! – Falei, frustrada, quando um grupo de homens Pugs passou pela porta - podia jurar que começara a ouvir respirações ofegantes atrás de nós, enquanto descíamos as escadas, em pânico. Só queria saber de que planeta aqueles dois seres eram, eu nunca mais iria querer ver um Pug, ou um gato em toda minha vida depois daquela conferência.

Corremos os últimos andares até finalmente chegarmos ao lobby do hotel, onde todos os hóspedes não *aliens* nos encararam como se fôssemos um bando de loucos fazendo algum filme, com uma excelente maquiagem, com homens Pugs atrás de nós.

- Por que estamos indo para a saída? – Perguntei e os dois adultos que me acompanhavam pararam.

- Claro, seus pais. – Babi falou e ficamos entre a porta de saída e os Pugs gigantes. – Fiquem aqui...

De repente, a mulher, que havia rejuvenescido 20 anos, saiu pela porta do hotel deixando tio Henry e eu sozinhos para enfrentar o grupo de Pugs.

- Fique atrás de mim, Clau, vou protegê-la. – Meu tio tinha as pernas trêmulas e ainda manchadas de suco de uva, enquanto a respiração ofegante dos Pugs gigantes começava a aproximar-se.

Essa respiração ofegante, que antes eu achava tão fofinha e engraçadinha, tornar-se-ia meu pesadelo nos próximos dias, era muito Pug gigante se aproximando.

- Com licença. – Uma das atendentes do hotel aproximou-se do nosso grupo estranho e os Pugs viraram-se para olhar eu e tio Henry fazendo caras estranhas para alertar a atendente que ela corria perigo, mas antes que acontecesse qualquer coisa, um dos Pugs gigantes lambeu a mulher, que gritou, completamente horrorizada e empurrou o enorme cachorro de duas patas e terno preto, este desequilibrou-se, fazendo o pequeno grupo cair de costas e ter dificuldade para se levantar. – Que merd...

- A criança. – Tio Henry apontou para mim, enquanto a atendente ainda estava tendo uma crise de nojo, provavelmente achando que havia sido um homem que a lambeu.

- Vou chamar a polícia.

- Isso mesmo... Venha, Clau, temos que achar seus pais, eles têm muito que explicar.

- O que aconteceu aqui? – De repente, Babi apareceu no meio do lobby.

- Onde você estava? – Tio Henry perguntou.

- Eu ia eliminar todos por trás...

- Com a porca... – Ele parou e me olhou correndo ao seu lado.

- Eu sei palavras feias.  
- Não é porque você sabe que tem que dizê-las.  
- Agora não é hora para dar lições para as crianças. – Babi suspirou, guardando sua metralhadora. – Temos que sacar um plano para pegar os seus pais e fugir desse hotel.  
- O que podemos fazer em uma sala cheia de alienígenas?! – Tio Henry berrou, apavorado.  
- Está gritando comigo?  
De novo. Por que eu é que era sempre a “criança” enquanto que aqueles que se comportavam mal eram os “adultos”? Eu achava que era exclusividade nossa, poder agir de maneira pouco inteligente. Não podia nem pensar em palavras feias, papai e mamãe sempre conseguiam ouvir.  
- Tenho um plano. – Falei, no meio da briga dos dois e ambos me encararam. – Eu estava fazendo essa câmera para representar, para todos terem o poder de atuação, mas eu posso usá-la para salvar mamãe e papai. – Falei um pouco sem jeito.  
- O quê?  
- Ela filma e depois, quando passada na tela, ela faz tudo parecer extremamente real, só não consigo colocar as imagens em conjunto por muito tempo, geralmente ela queima depois de dois minutos...  
Babi pegou a câmera da minha mão.  
- Está me falando que você pode pôr a imagem que quiser nessa câmera.  
- Sim, como se ela gravasse tudo em fundo verde... E até as pessoas, eu consigo colocar a emoção nelas...  
- Fantástico! – Tio Henry falou, impressionado. – Como conseguiu tamanha façanha?  
- Eu apenas usei um pouco de tecnologia dos meus pais e...  
- Agora não é hora, mas mesmo se essa câmera fosse superpoderosa, como uma câmera poderia nos salvar?  
- Podemos usá-la para simular que os planetas deles estão com problemas...  
- Brilhante! – Babi logo me interrompeu. – Como pensou nisso?  
- Eu...  
- Não importa, vamos. – Babi interrompeu, ao ouvir as sirenes atrás. – Vamos salvar os seus pais e acabar com a invasão alienígena.

## Capítulo 5

- Por que essa cara? – Babi perguntou, enquanto íamos para a sala de controle, da sala de conferência do hotel.

- Porque mamãe e papai...

- Olha garota, eles te amam, você não era apenas um disfarce.

- Mas...

- Escuta, garota, eles são *aliens* e jantam com você toda noite e sua mãe nem ao menos se multiplica para fazer qualquer outra coisa quando vocês estão juntas.

- Ela...

- Ela e seu pai só querem ficar perto de você, acredite, eu sei, chega a ser quase ridículo...

Encarei a antiga senhora e nova mulher de meia idade, que eram a mesma pessoa.

- É sério, terrestres são estranhos no jeito de mostrar afeto, mas seus pais fizeram tudo para você ter a vida igual à de qualquer terrestre e para uma venusiana fazer o que humanos fazem, bom, é estranho, principalmente cozinhar... Não se preocupe, seus pais são bons *aliens*. – Babi me tranquilizou, dando leves tapinhas na minha cabeça. – Agora, vamos gravar uma notícia e fazer esses *aliens* saírem daqui.

Babi sentou-se e eu comecei a gravar, com a câmera conectada na rede de comando, onde conectamos a câmera com o visor, para mostrar as imagens - pelo menos na TV da sala de conferência, enquanto o som ecoaria por todo o hotel.

- Você faz a música de entrada. – Babi falou, sentando-se no chão, já fingindo ser uma repórter; não tínhamos muito tempo, mesmo assim, ela estava incrivelmente engraçada, porque eu conseguia ver o nervosismo da mulher, ela estava tremendo.

- Eu vou cantar, não se preocupe, não precisa tremer, mesmo que não faça diferença no final, já programei a câmera. – Falei.

- Claro...

Babi respirou fundo e começou.

- Boa noite, uma notícia de última hora acabou de chegar em nosso plantam... plantão. – Babi estava realmente nervosa, parecendo até a velha senhora que era a minha vizinha. – A NASA acaba de anunciar que seus estudos finalmente mostraram os resultados referentes aos seguintes planetas: Vênus, Marte, Saturno, Plutão e até a Lua, sobre vida nesses determinados locais, onde conseguiram visualizar imagens de colônias e vida em cada um desses planetas e liberaram essas imagens, feitas com seus satélites... – Cliquei nos botões, troquei de imagem e fiz com que parecesse uma cidade em Vênus, igual à que a minha mãe havia me mostrado em um de seus tablets alienígenas. Prédios altos e contorcidos, venusianos sempre pareciam gostar de coisas contorcidas. – O governo posicionou-se dizendo que tentarão fazer contato, caso contrário, terão que invadir tais cidades, com medo de um possível ataque terrestre.

Comecei a ouvir murmúrios no andar de baixo e quando espiei, vi a TV na sala de conferência passar a imagem da repórter das 18h, ao invés de Babi. Em seguida, fiquei feliz com a imagem de Vênus incrivelmente verídica, fazendo com que todos os *aliens* se encarassem entre si e comesçassem a discutir se realmente seria possível que humanos invadissem seus planetas originais.

Meus pais se entreolhavam, preocupados, e visualizei tio Henry começando a se mexer entre as cortinas, no grande palco da sala, tentando alcançar meus pais que estavam sentados não muito distantes.

- Ele não vai conseguir chegar. – Falei, ao ver alguns *aliens* se aproximando de tio Henry. Quando ele ia ser pego por um dos *aliens* no andar de baixo, comecei a cantar, precisava distrair todos, eles já estavam meio confusos com o falso noticiário, então por que não os confundir um pouco mais com música.

- O que você está fazendo? – Babi veio na minha direção e antes que o falso noticiário estivesse pronto, a câmera entrou em curto e todos os *aliens* começaram a olhar para a sala de controle e nos viram. – Agora, todos virão atrás de nós.

- Então vamos correr....

Quando íamos sair pela porta preta, novamente um Pug e um gato pelado apareceram. Com certeza, eu não iria querer ver outro gato ou Pug na minha vida!

Em seguida, um grupo de gatas gigantes peladas surgiu diante de nós. Perguntava-me se humanos realmente se sentiriam invadidos por gatos, afinal, humanos adoravam gatos e cachorros, eu também gostava desde que eles fossem bichos e não *aliens* disfarçados.

As gatas começaram a nos encurralar, até ficarmos entre a pequena janela onde passava a imagem e o pequeno grupo de gatas.

- O que vamos fazer? – Perguntei a Babi.

- Nós vamos pular.

- O quê!?

- Pule, vai! – A mulher quase me empurrou e quando caí, caí bem no colo do homem Pug, que me encarou – comecei a me debater e gritar, até que, sem querer bati em seu focinho e ele deu um pequeno choro.

- Ai meu D'us desculpa. – Falei, mesmo sabendo que ele queria invadir a Terra, ele ainda parecia um Pug e eu não conseguia bater em um animal tão fofo.

- Claudia! – Meu pai me tirou do colo do Pug que estava prestes a me morder.

- Vamos para casa?

Quando papai ia responder, Babi saltou da janela e antes que o Pug gigante pudesse pegá-la, ela o eletrocutou e o pequeno cachorro caiu imóvel no chão, fazendo meu pai encarar nossa vizinha em completo choque.

- Você...

- Olá, meu nome é Babirtzavarkys

- Babirtzavarkys? Da família Varkys? De Saturno? – Meu pai perguntou.

- Pelo visto, dessa vez sou que estou assustando-o.

- Não quero interromper, mas tem um bando de *aliens* atrás da gente. –

Tio Henry apareceu com mamãe em meio à confusão.

- Traga a nave. – Babi falou para o relógio, mas antes que qualquer coisa pudesse chegar, a gata de juba dourada apareceu e deu um soco em Babi. – Qual o seu problema?!

- Você, como se atreve a incomodar minha invasão?

- Que invasão, vocês apenas bateram aqui e não conseguem voltar para casa.

As duas começaram a puxar uma o pelo e a outro o cabelo, até Babi começar a ter sua aparência mudada e finalmente aparecer sua verdadeira identidade, uma bela gata branca com manchas pretas pelo seu corpo, parecendo um dálmata em formato de gato.

- Filha...

- Henry! – Minha mãe tapou meus ouvidos.

- Saturnianas tem aparência felina e os machos tem aparência Pugiana ou canina. – Meu pai explicou. – Mas...

- Mas?

- Bom, pela aparência, ambas são irmãs...

- Como, uma é branca e a outra é amarela? – Tio Henry perguntou.

- Não seja preconceituoso, humanos sempre olhando cores, olhe a cauda, ambas têm as caudas cortadas, isso mostra a linhagem real, sem contar que a ponta laranja em formato de coroa mostra a linhagem. – Minha mãe falou, apontando a cauda.

- Não podemos falar de cor, mas podemos falar do tamanho da cauda? – Tio Henry perguntou, chocado, enquanto ele e todo o grupo alienígena ficou parado observando a briga das duas gatas.

- Não devemos fazer alguma coisa? – Perguntas começaram a ecoar entre o grupo.

- Você quer entrar na briga entre duas saturnianas? Sabem como elas são.

- Mamãe o que são saturnianas?

- O que eles querem dizer, é que quando duas saturnianas estão brigando não é bom se meter, elas só enxergam vermelho. São cabeça quente. – Meu pai interferiu. – Mas cá entre nós, o problema é quando venusianas estão irritadas...

- Mas... – Quando ia falar alguma coisa, fiquei de costas e senti algo arranhar minha bochecha - dessa vez, minha mãe, que costumava ter seus olhos amarelos, começou a ficar com eles repentinamente vermelhos – meu pai suspirou.

- Venha, Clau. Henry, acho bom você sair do caminho. – Meu pai alertou e vi todos os outros *aliens* começarem a sair da sala de conferência.

De repente, minha mãe saltou entre as duas gatas, debatendo-se e desenrolou seus braços e socou cada uma para um lado e as prensou contra as paredes, cada uma indo parar em uma ponta da sala. Minha mãe estava parecendo até a mulher elástica.

- Vocês arranharam o rosto da minha filha! – Minha mãe gritou, furiosa, ignorando a briga constante das duas mulheres, tentando se soltar.

- Você é casada com ela? – Tio Henry perguntou, surpreso.

- Por que você acha que ela domina a casa? – Meu pai rebateu. – E ela ainda pode se multiplicar.

- Não brinca...

- Isso é ruim, papai? – Perguntei, irritada.

- Não, de jeito nenhum, eu amo sua mãe e todas as partes dela. – Meu pai sorriu de leve. – Mas também dou graças aos anéis de Saturno que sua mãe gosta de mim.

Encarei minha mãe, que segurou as duas mulheres-gatas no ar e as arremessou no chão, não uma, nem duas, mas cinco vezes, fazendo todas as cadeiras simplesmente arrebentarem e quase virarem poeira até, por fim, grunhirem e uma luz forte começar a aparecer pelas janelas do hotel. Gritos fora

da sala de conferência começaram a ser ouvidos e as crianças *aliens* entraram na sala, buscando seus pais.

- O que é isso?

- Provavelmente é a minha nave. – Babi, de súbito, reapareceu ao nosso lado, com o pelo completamente bagunçado e com a irmã debaixo do braço. – Sua mãe não é mole.

- O quê...?!

- Vou acabar com a invasão alienígena, meus pais me deram permissão para fechar essa operação. Porém, vou deixar vocês ficarem juntos, constava na minha missão separar vocês, mas... – Babi me encarou e depois foi até os meus pais. – Não posso separar uma família e humanos são péssimos em respirar debaixo d'água, então, adeus.

Encarei meu pai e minha mãe que pareciam mais confusos do que eu.

- Minha irmã só começou essa revolução porque papai disse que ela não governaria Saturno. Ela queria um planeta para governar e como a Terra ainda está dividida entre os próprios terrestres, ela achou que seria fácil. – Babi esboçou um sorriso.

- Espera... – Tio Henry falou. – Eu vou vê-la de novo?

- Não. – Babi respondeu. – Um humano foi o suficiente para a minha vida. Adeus e fechem os olhos quando desaparecermos.

E com isso, Babi como que se evaporou.

- Fechem os olhos! – Meu pai falou e uma grande luz branca ecoou pelo prédio inteiro, mas podia jurar que tio Henry encarou a luz; antes que pudesse impedi-lo, tudo desapareceu até de repente eu acordar em busca de ar e me ver no meu quarto.

Corri para a cozinha, desesperada, vi minha mãe preparando o café da manhã e meu pai lendo o jornal - por um momento, por um breve segundo me perguntei se eu havia sonhado que meus pais eram alienígenas, que toda a minha vida era simplesmente comum.

- Você tem que se preparar para a escola. – De repente, minha mãe apareceu por trás de mim – virei-me e a abracei.

- Mamãe, vocês são alienígenas mesmo?

- Claro que sim. – Minha mãe respondeu. – E você, mocinha, vai ficar atrasada.

Corri para o meu quarto para me trocar e coloquei o uniforme da escola. Voltei para a mesa do café da manhã que novamente tinha brócolis. Daqui a pouco, eu ficaria da mesma cor, se comesse tanta coisa verde.

- Impossível, humanos jamais mudam de cor por comer demais um tipo de comida. – Minha mãe respondeu, ao “ler” meu pensamento.

- Mamãe, papai, por que vocês desistiram da invasão? – Perguntei, finalmente comendo os brócolis.

- Porque conhecemos você. – Mamãe respondeu, com um sorriso.

- E porque conhecemos a Broadway e Hollywood, já viu os filmes que eles fazem? – Meu pai perguntou e eu ri. – Humanos podem ainda estar divididos, mas são os mais bondosos de toda a galáxia, eles apenas precisam se lembrar disso, agora coma senão vai se atrasar.

Comi meus brócolis e fui com minha mãe até a garagem do prédio, para ela me levar na escola.

- Tio Henry. – Encontramos meu tio totalmente diferente, no elevador; como sempre, nas segundas-feiras ele deixava de usar suas roupas relaxadas e usava o terno para o seu trabalho em Wall Street.

- Olá, Claudia, já está tudo pronto para esse domingo?

- Domingo?

- Sim vamos caçar *aliens*! – Ele falou, animado, não fazendo jus a seu belo terno - falar sobre homens e mulheres verdes, em um terno tão formal, não combinava com a aparência séria que o traje transmitia.

- Mas...

A porta do elevador abriu-se e tio Henry foi até seu belo carro preto. Olhei, interrogativa, para minha mãe.

- Sinto muito, mas ele encarou a luz, então ele esqueceu o dia anterior.

- Então ele não...

- Não, ele não sabe que somos alienígenas.

Ri. Pelo menos tio Henry sempre ficaria na sua busca por *aliens*, sempre ao nosso lado e me entretendo com suas loucuras. E eu sempre ficaria com meus pais *aliens*, que insistiam em me fazer comer brócolis a toda hora e liam meus pensamentos, mas não teria de qualquer outro modo.

Afinal, o que poderia ser melhor do que ter pais que lutavam por você com tudo e ter amigos por todos os planetas? Minha vida era fantástica! Mal podia esperar para ver mais *aliens*! Talvez pedisse para mamãe e papai me comprarem um gato pelado e um Pug de aniversário - sentiria falta das conferências anuais.



